



**Redes alimentares alternativas na cidade de São Paulo: experiência de produtoras de orgânicos em tempos de pandemia**  
*Alternative food networks in São Paulo city: experience of organic producers in pandemic times*

CHEUNG, Natália K. Y.<sup>1</sup>; ABREU, Lucimar S.<sup>2</sup>; MONTEBELLO, Adriana E. S.<sup>3</sup>  
<sup>1</sup> PPGADR/UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos), naticheung@gmail.com; <sup>2</sup> Embrapa Meio Ambiente, lucimar.abreu@embrapa.br; <sup>3</sup> PPGADR/UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos), adrianaesm@ufscar.br

**RESUMO EXPANDIDO**

**Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária**

**Resumo:** Há um aumento significativo de iniciativas em redes alimentares alternativas nos últimos anos, gerando novas relações entre produção, distribuição e consumo de orgânicos, especialmente em regiões metropolitanas. Com as restrições impostas na fase mais crítica da pandemia da Covid-19, muitas redes precisaram criar alternativas de comercialização para se adaptar ao momento. O presente artigo apresenta as transformações socioeconômicas vivenciadas durante a pandemia por produtores familiares da Cooperapas, cooperativa de orgânicos de Parelheiros, na região sul da cidade de São Paulo. Foram conduzidas entrevistas com agricultoras-chave da iniciativa supracitada, por meio de questionário semiestruturado. Se por um lado, a pandemia trouxe desafios para a comercialização, por outro, gerou inovações nas formas de escoar a produção e de estar em contato com consumidores. Houve maior conscientização na sociedade sobre alimentação saudável e engajamento em ações solidárias de doação de alimentos.

**Palavras-chave:** agroecologia; rede agroecológica; circuito curto de comercialização; sistemas alimentares sustentáveis.

**Introdução**

Em março de 2020, o advento da pandemia da Covid-19 no Brasil trouxe mudanças abruptas e trágicas na sociedade. A doença infecciosa é transmitida pelo vírus SARS-CoV-2 e, assim como muitas outras zoonoses que surgiram nas últimas décadas, tem sua origem intrinsecamente relacionada a uma crise socioambiental que, por sua vez, reflete as graves consequências do nosso modelo de desenvolvimento agrário e hegemônico do século XX e XXI (UNEP, 2020).

Em paralelo a esse contexto, o consumo de alimentos saudáveis e sem agrotóxicos foi incentivado na cidade de São Paulo, com novas redes alimentares alternativas sendo criadas não somente com o desafio de atender a uma demanda crescente, como também se uniram pela solidariedade para fazer chegar o alimento a pessoas em situação de vulnerabilidade social.

As redes alimentares alternativas (doravante serão denominadas “AFNs”, sigla em inglês para *Alternative Food Networks*) se apoiam em princípios agroecológicos visando a produção de alimentos aliada à preservação do meio ambiente (DAROLT



et al., 2016). A agroecologia como movimento, ciência e prática (WEZEL et al., 2009) busca construir as bases para o desenvolvimento de um outro tipo de sistema agroalimentar, em que possa garantir a reprodução social das famílias produtoras e igualdade no acesso a alimentos seguros e saudáveis à toda população.

As AFNs têm assumido um papel fundamental na reconstrução dos sistemas agroalimentares e proporcionam por meio da abordagem agroecológica: a conexão e a relação de confiança gerada entre produtores e consumidores, a qualidade e segurança do alimento, o conhecimento da origem do alimento e a prática de preços mais justa se comparada à dos supermercados (RENTING; MARSDEN; BANKS, 2003; OLIVEIRA; MARJOTTA-MAISTRO, 2016; WATANABE; ABREU; LUIZ, 2020).

O presente artigo tem o objetivo de analisar as transformações socioeconômicas vivenciadas na pandemia da Covid-19 pela Cooperapas (Cooperativa dos Produtores Rurais e de Água Limpa da Região Sul de São Paulo), que reúne agricultores orgânicos de Parelheiros, bairro rural no extremo sul da cidade de São Paulo. Mais especificamente, a pesquisa se propõe a caracterizar as dificuldades de comercialização pelas quais a cooperativa passou durante a fase mais crítica de isolamento e as inovações encontradas para escoar a produção com o apoio e solidariedade de sua rede de consumidores.

## **Metodologia**

O estudo teve uma abordagem de análise qualitativa, inspirada nos pressupostos da sociologia compreensiva de Max Weber. Entende-se que a ação social não é determinada exclusivamente pela questão econômica, mas também em sua subjetividade, a qual é provida de sentidos social e cultural, incluindo valores éticos (WEBER, 1979 apud MORAES; MAESTRO FILHO; DIAS, 2003).

A pesquisa de campo foi realizada por meio da aplicação de entrevistas qualitativas com a utilização de um roteiro de perguntas semiestruturadas, junto a 3 agricultoras-chave que integram a Cooperapas. São consideradas agricultoras-chave para a pesquisa, uma vez que participaram da fundação e/ou compõem atualmente o quadro diretivo da cooperativa. As entrevistas aconteceram pela plataforma do *Google Meet*, no mês de junho de 2021.

## **Resultados e Discussão**

Os trabalhos iniciais de formação da Cooperapas datam do ano de 2011. Atualmente o estatuto da cooperativa lista cerca de 40 agricultores, sendo metade deles com participação mais ativa. A maior parte dos agricultores cooperados produz em locais com área total entre 2 e 8 hectares. Há alguns sítios com mais de 30 hectares, sendo em grande parte áreas de preservação de vegetação nativa onde não são permitidas atividades agrícolas (NAKAMURA, 2016). Verifica-se a prática da agricultura orgânica certificada nos sítios associados, com princípios da agricultura biodinâmica e da permacultura.



Algumas práticas agroecológicas com relação ao manejo foram mencionadas pelas agricultoras, tais como a diversidade de cultivo de espécies vegetais, plantio em consórcio, cobertura de solo com palha e outros tipos de matéria orgânica, horta com fossa biodigestora, filtro biológico de águas cinzas, entre outras. Há principalmente o cultivo de hortaliças e ervas aromáticas, frutas nativas da Mata Atlântica (araçá, cambuci, cerejeira do rio grande, goiaba, grumixama, jabuticaba, juçara, pitanga, uvaia) e PANCs – Plantas Alimentícias Não Convencionais (azedinha, bertalha, capuchinha, ora-pro-nobis, peixinho, taioba, etc.).

Alguns agricultores da Cooperapas destinam quase que a totalidade de sua produção para escoar via cooperativa, e outros conseguem conciliar a venda pela cooperativa com outros canais, como lista de WhatsApp e parcerias com outras AFNs.

Anterior à pandemia, a cooperativa comercializava sua produção na cidade de São Paulo de distintas formas, todas elas associadas a circuitos curtos. Os principais locais eram: a Feira de Produtos Orgânicos e da Agricultura Limpa no Melódromo do Ibirapuera; as feiras orgânicas itinerantes que eram organizadas em diversas unidades do SESC-SP (Serviço Social do Comércio); o Instituto Chão, loja especializada de orgânicos, que trabalha com princípios de economia justa e solidária; e os restaurantes Arturito e La Guapa, da conceituada chef de cozinha Paola Carosella.

Além da venda pela cooperativa, as agricultoras realizavam vendas diretas para consumidores durante visitas turísticas em suas propriedades rurais, no âmbito da iniciativa chamada Acolhendo em Parelheiros. Por meio do turismo de base comunitária – o qual é desenvolvido e protagonizado pelos próprios agricultores locais – busca-se fomentar a prática do turismo rural na região sul da cidade que inclua a sustentabilidade social e ambiental em suas atividades. Antes da pandemia, foram realizadas diversas visitas de estudantes de redes escolares públicas, além de outras pessoas interessadas em conhecer a produção de alimentos orgânicos.

Ao analisar as transformações vivenciadas pelas agricultoras da Cooperapas e consumidores de AFNs, percebe-se que existem dois momentos distintos durante a pandemia. Um primeiro momento em que os casos de contaminação e número de mortes se encontravam em nível crescente, com medidas rigorosas de isolamento social e atividades presenciais suspensas. E um momento posterior, com a redução da taxa de transmissão, de mortes e início da vacinação, e flexibilização das recomendações de distanciamento. A comercialização de forma direta dos alimentos orgânicos pela cooperativa e pelas agricultoras, além da participação em outras atividades presenciais, foram impactadas com intensidades diferentes também durante essas fases da pandemia, como se observa a seguir.



Quadro 1 – Situação dos canais de comercialização direta e atividades complementares da Cooperapas antes e durante a pandemia

Canais de comercialização e atividades	Antes da pandemia	Fase crítica da pandemia	Após flexibilização do isolamento
Vendas para Instituto Chão e restaurantes	Sim	Não	Sim
Feira do Melódromo do Ibirapuera	Sim	Não	Sim
Feiras itinerantes do Sesc-SP	Sim	Não	Não
Vendas por <i>delivery</i>	Sim	Sim	Sim
Vendas no local de produção / turismo	Sim	Não	Não
Oficinas, palestras, rodas de conversa presenciais	Sim	Não	Não

Fonte: CHEUNG (2022)

Quando houve a reabertura da feira de orgânicos do Ibirapuera, a barraca da cooperativa passou por dificuldades, pois as pessoas responsáveis por ela faziam parte do grupo de risco e tinham receio de sair do isolamento social. Após um período e sob o risco de perder o ponto, conseguiram se organizar e retomar as vendas seguindo os protocolos do uso de máscara, álcool gel e de distanciamento.

A Covid-19 trouxe impactos econômicos e socioculturais importantes na vida das entrevistadas. O nível de renda das agricultoras sofreu redução por uma série de fatores: queda nas vendas pela cooperativa para canais indiretos (lojas especializadas, restaurantes), diminuição de clientes em seus outros canais de comercialização próprios por via direta (*delivery*, feiras orgânicas), e menor lucro com as vendas devido ao forte aumento do preço dos insumos agrícolas. Ademais, as fontes de renda complementares que se originavam das visitas de turismo, da venda de orgânicos nos locais de produção, e de convites para oficinas e palestras foram impactadas.

Entretanto, novas possibilidades de comercialização surgiram durante o ano de 2020, de maneira a reequilibrar em parte a renda mensal das agricultoras. Logo nos primeiros meses de pandemia, um grupo de mulheres residentes em Parelheiros, formaram um coletivo chamado Orgânicas para Todes. A proposta é a venda tradicional de cestas de alimentos agroecológicos produzidos por agricultores locais, combinada com a doação de uma cesta no mesmo valor para famílias do território que vivem em situação de vulnerabilidade. Assim, a iniciativa se traduz em uma rede de alimentos solidária, contribuindo tanto para diversos agricultores da região (não somente membros da Cooperapas) a terem uma renda durante a pandemia, pois estavam com dificuldades para escoar a produção, como também levando comida saudável para as pessoas em situação de insegurança alimentar.



Uma outra alternativa importante de renda nesse período foi a comercialização de alimentos produzidos pela Cozinha das Amaras. A gestão do empreendimento e o preparo das comidas ficam a cargo de mulheres cozinheiras de Parelheiros, que utilizam ingredientes agroecológicos cultivados nos sítios da região. Antes da pandemia, elas organizavam oficinas e rodas de conversa para disseminar o conhecimento na comunidade acerca de receitas culinárias saudáveis, desperdício alimentar, empoderamento, autonomia e geração de renda para mulheres. Com a Covid-19, esses encontros não puderam mais acontecer, o que ocasionou uma diminuição na renda obtida das refeições que preparavam. Uma maneira que encontraram para continuar a produção foi incluir seus pães e geleias na cesta distribuída pela Orgânicas para Todes.

Percebe-se que a dificuldade das agricultoras em escoar os alimentos orgânicos, especialmente no início da pandemia, foi temporária. Em razão de estarem associadas em rede e fazer parte de circuitos curtos com parceiros comerciais consolidados na cidade, os problemas com a comercialização puderam ser contornados de maneira estável e gradual tão logo o comércio foi reaberto.

## **Conclusões**

A exemplo da Cooperapas, os agricultores e agricultoras de Parelheiros, no extremo sul da cidade de São Paulo, se fortalecem com a comercialização em rede, pois possibilitam trabalhar com diversidade de canais de venda, e escoar a produção de alimentos orgânicos oriundos de diferentes unidades agrícolas familiares. A participação na cooperativa se mostra importante na trajetória das agricultoras antes da pandemia, uma vez que a estruturação da produção em rede para acesso aos circuitos curtos de alimentos orgânicos na cidade torna-se um incentivo ao seu aperfeiçoamento e à sua permanência no trabalho com agricultura orgânica.

Durante os meses iniciais mais críticos da pandemia, houve uma queda temporária nas vendas pela cooperativa, entretanto, inovações na forma de se relacionar e comercializar foram geradas. A organização das agricultoras em rede possibilitou a criação de formas alternativas de comercialização dos orgânicos durante a pandemia.

A criação da Orgânicas para Todes representou uma resposta ao momento de crise, gerando renda a produtores que não tinham para onde escoar seus alimentos e distribuindo cestas para populações vulneráveis. Essa experiência contribuiu para fortalecer o mercado local e redefinir as relações de produção e consumo, guiando-se pela prática de preços justos, equidade, ética e solidariedade.

## **Agradecimentos**

À Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Campus de Ciências Agrárias e à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento



Rural (PPGADR). À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001.

### Referências bibliográficas

CHEUNG, Natália K. Y. **Redes alimentares alternativas na metrópole de São Paulo: movimentos de proximidade entre agricultores e consumidores em tempos de pandemia.** Araras, Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) - UFSCAR, 2022.

DAROLT, Moacir R. et al. Alternative food networks and new producer-consumer relations in France and in Brazil. **Ambiente & Sociedade**, v. 19, n. 2, p. 1-22, 2016.

MORAES, Lúcio F. R. De; MAESTRO FILHO, Antônio Del.; DIAS, Devanir V. O Paradigma Weberiano da Ação Social: um Ensaio sobre a Compreensão do Sentido, a Criação de Tipos Ideais e suas Aplicações na Teoria Organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, n. 2, p. 57-71, 2003.

NAKAMURA, Angélica C. **Cooperapas: agricultura e cooperativismo no extremo sul do município de São Paulo.** São Paulo, Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - USP, 2016.

OLIVEIRA, Priscila S.; MARJOTTA-MAISTRO, Marta C. Canais de comercialização de orgânicos: alternativas para os agricultores familiares do Leste Paulista. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 12, p. 81-103, 2016.

RENTING, Henk; MARSDEN, Terry; BANKS, Jo. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. **Environment and Planning A**, v. 35, n. 3, p. 393-411, 2003.

UNEP - UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME; INTERNATIONAL LIVESTOCK RESEARCH INSTITUTE. **Preventing the Next Pandemic: Zoonotic diseases and how to break the chain of transmission.** Nairobi, Kenya. 2020. Disponível em: <https://www.unep.org/resources/report/preventing-future-zoonotic-disease-outbreaks-protecting-environment-animals-and>. Acesso em: 13 mai. 2021.

WATANABE, Maria A.; ABREU, Lucimar S. De; LUIZ, Alfredo J. B. The fallacy of organic and conventional fruit and vegetable prices in the metropolitan region of Campinas, São Paulo, Brazil. **Journal of Asian Rural Studies**, v. 4, n. 1, p. 1-22, 2020.

WEBER, Max. **Ensaios de sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979 apud MORAES; MAESTRO FILHO; DIAS (2003).

WEZEL, Alexander et al. Agroecology as a science, a movement and a practice: a review. **Agronomy for Sustainable Development**, v. 29, n.4, p. 503-515, 2009.